

Prefeitura Municipal de Curitiba  
Secretaria Municipal da Educação  
Superintendência de Gestão Educacional

# SEP

SEMANA DE  
ESTUDOS  
PEDAGÓGICOS

2020

---

O diálogo entre a BNCC e o Currículo  
da RME para uma  
Cidade Educadora

Educação  
Infantil





PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA  
Rafael Greca de Macedo

SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO  
Maria Sílvia Bacila

SUPERINTENDÊNCIA EXECUTIVA  
Oséias Santos de Oliveira

DEPARTAMENTO DE LOGÍSTICA  
Maria Cristina Brandalize

DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO, ESTRUTURA E INFORMAÇÕES  
Elizabeth Dubas Laskoski

COORDENADORIA DE REGULARIZAÇÃO  
Eliana Cristina Mansano

COORDENADORIA DE OBRAS E PROJETOS  
Flávia Correa de Almeida Faria Gomes

COORDENADORIA DE RECURSOS FINANCEIROS DESCENTRALIZADOS  
Adriano Mario Guzzoni

COORDENADORIA DE TECNOLOGIAS DIGITAIS E INOVAÇÃO  
Estela Endlich

SUPERINTENDÊNCIA DE GESTÃO EDUCACIONAL  
Andressa Woellner Duarte Pereira

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL  
Kelen Patrícia Collarino

DEPARTAMENTO DE ENSINO FUNDAMENTAL  
Simone Zampier da Silva

DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL  
João Batista dos Reis

DEPARTAMENTO DE INCLUSÃO E ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO  
Gislaine Coimbra Budel

COORDENADORIA DE EQUIDADE, FAMÍLIA E REDE DE PROTEÇÃO  
Carla Andreza Ribeiro Trisotto

COORDENADORIA DE PROJETOS  
Andréa Barletta Brahim



## Prezados e prezadas profissionais da Rede Municipal de Ensino (RME):

Sob a inspiração do filósofo dinamarquês, Soren Aabye Kierkegaard, que viveu entre 1813 e 1855, pensemos nossas veredas e sua territorialidade na materialidade da nossa cidade. Disse:

“Acima de tudo, nunca perca a vontade de caminhar. Todos os dias, eu caminho até alcançar um estado de bem-estar e me afasto de qualquer doença. Caminho em direção aos meus melhores pensamentos e não conheço pensamento algum que, por mais difícil que pareça, não possa ser afastado ao caminhar”.

As distâncias que percorremos para chegar ao conhecimento de nós mesmos, das pessoas com quem convivemos, do lugar em que vivemos, do mundo que nos contém, muitas vezes, não estão ao nível dos olhos, é necessário ouvir, ver, sentir por experiências diversas para que possamos nos apropriar dessa concretude e de suas simbologias.

A cultura emergente de cada experiência curricular é a expressão desse caminhar sem fim que fazemos no cotidiano escolar rico em significado, pleno de conteúdo, ativo em experiências, articulado com a vida. Sim, com a vida. Não há outro eixo mais seguro, mais expressivo, mais transdisciplinar do que a vida que se concretiza dia a dia na escola, no bairro, na cidade em que vivemos.

É das perguntas que fazemos, das respostas que obtemos, dos distanciamentos que devemos ter de cada fato para podermos apreendê-lo que, sensivelmente, nos fazemos humanos e nos construímos epistemologicamente.

Percorramos as veredas desta Semana de Estudos Pedagógicos com esse convite do Kierkegaard, neste período e em todos os dias de nossas vidas, tendo a certeza das novas oportunidades que recebemos sempre, incessantemente, e da oportunidade que somos para nossos estudantes e para as nossas crianças, sobretudo, da oportunidade que somos para nós mesmos. Caminhemos, nesta cidade educadora!



**Maria Sílvia Bacila**

Secretária Municipal da Educação





# APRESENTAÇÃO

Prezados(as) profissionais da Educação Infantil:

A Semana de Estudos Pedagógicos 2020, tem como temática “O Currículo a partir da Base Nacional Comum Curricular na perspectiva de uma Cidade Educadora”, essa discussão é proposta no momento em que a Rede Municipal de Ensino constrói seu Currículo para Educação Infantil e Curitiba passa a compor a lista da Associação Internacional de Cidades Educadoras (AICE).

O ano de 2019 foi marcado por ações que legitimaram a construção e a escrita do Currículo da Educação Infantil da RME, que destinou nas primeiras páginas reflexões sobre a cidade como Currículo e as relações entre bebês, crianças, profissionais, famílias e comunidade que nela convivem.

Sendo assim, este caderno é pensado para um estudo de 4 horas com dois blocos de discussões. Pelo princípio da sustentabilidade e em consonância com as ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável), sugerimos o uso dos tablets para os estudos. O primeiro texto, intitulado “O Currículo, a Cidade e as Crianças” que pode ser lido coletivamente ou em grupos, tem como objetivo situar a discussão sobre a Cidade Educadora e sua relevância no contexto da Educação infantil. Antes da leitura propomos uma conversa para que os profissionais possam compartilhar suas memórias, sentimentos e sua relação com a cidade a partir dos objetos, imagens, relatos, desenhos, entre outros, solicitados anteriormente. Estes materiais poderão compor o ambiente da formação.

Para o segundo momento propomos a leitura e reflexão do texto: “Educação Infantil: um lugar das crianças, pensado para e com as crianças”, que tem como objetivo olhar para o cotidiano com intuito de ressignificá-lo considerando a organização curricular, as crianças e as relações que nele se estabelecem. Assim damos continuidade a reflexão sobre o planejamento iniciada em 2019, escolhendo tratar das ações que marcam a vida diária por entender a necessidade de qualificar esses momentos. Posteriormente a leitura, sugerimos como estratégia a organização de grupos para reflexões a partir do texto e das imagens previamente selecionadas pela unidade tendo como base as questões norteadoras indicadas.

Após a realização dessas propostas convidamos as unidades para continuidade das reflexões no ambiente da Sala Google, onde irão postar uma síntese com as metas elaboradas pelos grupos.

**Desejamos bom trabalho a todos e a todas!**

**Equipe do Departamento de Educação Infantil**



# SEMANA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS (SEP) 2020

## DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

### Meu Lugar na Cidade

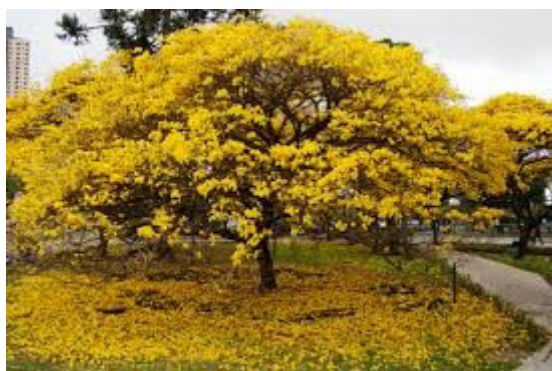


Figura 1 – Rodoferroviária de Curitiba

Cada um de nós tem uma relação especial com um lugar da nossa cidade. Pode ser uma praça, um caminho, uma mercearia, uma rua, um espaço de lazer, um ipê florido, um jardim, um personagem... E como é bom compartilhar os sentimentos que nutrimos por esses lugares... Antes de iniciar a leitura do texto a seguir, vamos conversar sobre os objetos, fotos, desenhos, registros e relatos que nos contam sobre o “nosso lugar” na cidade?

## TEXTO 01

### O Currículo, a Cidade e as Crianças

“A cidade é educadora quando reconhece, exercita e desenvolve, além de suas funções tradicionais (econômica, social, política e de prestação de serviços) uma função educadora, quando assume a intencionalidade e responsabilidade cujo objetivo seja a formação, promoção e desenvolvimento de todos seus habitantes, começando pelas crianças e pelos jovens” (Fragmento da Introdução da Carta das Cidades Educadoras, Declaração de Barcelona, 1990).

Curitiba integra a Associação Internacional de Cidades Educadoras (AICE) e, considerando o que diz a Carta das Cidades Educadoras, acima citada, este título reforça ainda mais o compromisso da nossa cidade com a infância. É importante entendermos melhor o que é

ser uma Cidade Educadora. O Currículo da Educação Infantil da Rede Municipal de Curitiba (2019) parte do conceito presente da Declaração de Barcelona a qual afirma:

A cidade educadora é uma cidade com uma personalidade própria, integrada no país onde se situa. A sua identidade, portanto, é deste modo interdependente do território de que faz parte. É também uma cidade que não está fechada sobre si mesma, mas que mantém relações com o que a rodeia – outros núcleos urbanos do seu território e cidades com características semelhantes de outros países –, com o objetivo de aprender, trocar experiências e, portanto, enriquecer a vida dos seus habitantes. (BARCELONA,1990, p.01).

Como Cidade Educadora, reconhecemos a cidade de Curitiba como um grande campo de experiências, que apresenta uma variedade de lugares para brincar e aprender, não somente para as nossas crianças, mas para todos que a habitam. Diante disso, é preciso considerar que as crianças vivenciam a cidade desde que nascem, quando brincam na rua de sua casa ou no bairro onde moram, nos momentos de deslocamentos, passeios, idas ao médico, mercados e lugares que fazem parte da vida da família, por isso, esses saberes devem ser considerados e acolhidos por seus professores. Neste sentido, o Programa Linhas do Conhecimento contribui, propiciando às crianças e profissionais, uma ampliação nas oportunidades de vivências nos e pelos espaços da cidade<sup>1</sup>.



Figura 2 – CMEI Fanny Lerner – Arquivo Programa Linhas do Conhecimento

<sup>1</sup> As saídas chamadas de rota, que levam as crianças para diferentes espaços da cidade, podem acontecer para todas as crianças matriculados no Pré Único e no Pré II.

No caso das crianças da educação infantil, principalmente, os bebês e as crianças bem pequenas, que não participam das propostas lúdicas pela cidade, a valorização do entorno da instituição é de extrema importância. O Programa Linhas do Conhecimento pode ser uma possibilidade para o desenvolvimento destas propostas no entorno<sup>2</sup>, a partir de jogos, brincadeiras e falas protagonizadas pelas crianças durante as atividades cotidianas, tendo como mediador o profissional da educação. A história do bairro, as histórias locais, os costumes, a vida das famílias que ali vivem podem se tornar contextos interessantes para as crianças, além de alimentar o sentimento de pertencimento dos pequenos aquele lugar. Esse sentimento também é convergente com os princípios da Educação Inclusiva, pois é fundamental proporcionar nos diferentes espaços da cidade possibilidades de convivência minimizando assim, as barreiras discriminatórias.



Figura 3 – CMEI Krasinski – Acervo Programa Linhas do Conhecimento.

Assim, é necessário que os professores pensem em estratégias para trazer o bairro e a cidade para dentro da instituição. Eles podem, dentre outras possibilidades, repertoriar as crianças com imagens e vídeos sobre a cidade, convidar as famílias a compartilhar através de fotos e registros escritos sobre passeios e trajetos pelo bairro e cidade. Neste processo, é fundamental reconhecer e valorizar as diferentes manifestações culturais trazidas pelas famílias que são compostas de diferentes etnias e costumes. Assim como é importante valorizar os artistas curitibanos, sejam eles profissionais ou amadores, oportunizando às crianças o contato com a música, a dança, o teatro, a contação de histórias e outras manifestações artísticas.

---

<sup>2</sup> Estas propostas, quando realizadas por meio do Programa Linhas do Conhecimento, atendem a todas as crianças matriculadas na Educação Infantil.



Figura 4 – CMEI Vila Torres – Acervo da unidade

Essas características da cidade e das pessoas que a constituem marcam as formas como as crianças irão viver suas infâncias. O que significa dizer que ser criança em Curitiba é diferente de ser criança em outra cidade. Isso porque a forma como compreendemos a infância é influenciada e marcada pelo momento histórico em que vivemos. No momento atual, as mudanças na sociedade ocorrem rapidamente e a nossa cidade está em constante transformação. Nesse sentido, a criatividade será uma das habilidades exigidas para os cidadãos no século XXI. Assim, o professor pode propor dentro de sua prática pedagógica a Aprendizagem Criativa<sup>3</sup> em diferentes espaços da cidade e nas unidades educativas, utilizando diferentes recursos e materiais, como tablets, máquinas fotográficas, materiais de baixo custo (leds, pilhas, motores etc.), entre outros. Esta abordagem promove experiências de aprendizagem, que contribuam de alguma forma para a transformação da realidade, seja a partir do indivíduo, seja a partir de um grupo de crianças – ou de uma turma, de toda a unidade educativa e, por que não, do entorno, da cidade, do país e do mundo?



Figura 5 - CMEI Vó Nazareth – Acervo Programa Linhas do Conhecimento.

<sup>3</sup> Para saber mais sobre Aprendizagem Criativa ler o “Caderno dos Faróis do Saber e Inovação” (Curitiba, 2018).

Neste sentido, é preciso refletir sobre quem são as nossas crianças e o lugar que elas ocupam na perspectiva de uma Cidade Educadora, pois fazer parte de um lugar vai além da apropriação geográfica, perpassando pelas relações afetivas e sociais que se estabelecem entre pessoas nos diferentes lugares e espaços.

Os diferentes espaços da cidade são oportunidades para as relações e aprendizagens dos sujeitos, onde as crianças significam o mundo que as cerca. Portanto, precisamos também refletir sobre o “lugar das crianças” dentro das instituições de Educação Infantil, entendendo que significar o mundo, se inicia ao nascer e estende-se ao longo de toda a vida, a partir dos diferentes lugares que se ocupa (SARTI, 2004, p. 17). Neste sentido, é preciso reconhecer que as instituições de educação infantil são espaços de educação formal e humanização social. Elas se constituem como o primeiro espaço de vida coletiva fora do contexto familiar e segundo Fochi e Carvalho, sua função social:

Se dá pelo caráter de acolhimento das crianças menores de 6 anos; em parceria com as famílias, as instituições compartilham o processo de formação das crianças pequenas em sua inteireza. Da mesma forma, tornam-se um dos primeiros espaços públicos fora do âmbito familiar que os meninos e meninas passam a frequentar e, por isso, um lugar de encontro, de partilha. As instituições podem ser espaços de manutenção da cultura local, de transmissão de saberes e fazeres das comunidades e de criação de novas narrativas pessoais e coletivas (CARVALHO; FOCHI, 2016).

A contemporaneidade mostra que as crianças são competentes, capazes de opinar, escolher, tomar decisões sobre o mundo que as cerca, pois como afirma Corsaro (2011), as crianças são agentes ativos em seus processos de socialização e se apropriam de aspectos do mundo adulto na ação com pares, de modo que contribuem para a reprodução e mudança da sociedade como um todo. Isso nos leva a refletir sobre o quanto uma cidade educadora é também uma cidade relacional como um território envolvente e acolhedor com possibilidades ambientais, estéticas, criativas e propícia aos encontros.

Este reconhecimento das crianças como cidadãs, sujeitos de direitos é demarcado na Constituição Federal de 1988 e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil, bem como na Lei 13.257/2016, conhecida como Marco Legal da Primeira Infância. Este marco estabelece princípios e diretrizes para a formulação e a implementação de políticas públicas para a primeira infância definindo em seu artigo 4º que elas devem acontecer de forma a:

I - atender ao interesse superior da criança e à sua condição de sujeito de direitos e de cidadã; II - incluir a participação da criança na definição das ações que lhe digam respeito, em conformidade com suas características etárias e de desenvolvimento; III - respeitar a individualidade e os ritmos de desenvolvimento das crianças e valorizar a diversidade da infância brasileira, assim como as diferenças entre as crianças em seus contextos sociais e culturais (BRASIL, 2016).

Para que isso seja possível, o Marco Legal da Primeira Infância ainda estabelece que:

A participação da criança na formulação das políticas e das ações que lhe dizem respeito tem o objetivo de promover sua inclusão social como cidadã e dar-se-á de acordo com a especificidade de sua idade, devendo ser realizada por profissionais qualificados em processos de escuta adequados às diferentes formas de expressão infantil (BRASIL, 2016).

Esse processo de escuta precisa fazer parte do cotidiano da instituição, envolvendo crianças, profissionais e comunidade. Um ambiente em que todos e, principalmente, as crianças, sejam consultadas, informadas e tomem parte das decisões que envolvem a sua vida, tendo oportunidades de verdadeiramente participar da elaboração do seu cotidiano.

Para que esta escuta se consolide precisamos de uma postura sensível dos professores às crianças, entendendo que a participação delas nas decisões que envolvem tanto a implementação de políticas públicas, quanto nas situações cotidianas na instituição, acontecerá num processo no qual elas tenham oportunidades de participar em diferentes momentos e situações da vida diária.

Na intenção de materializar a escuta dos adultos para com as crianças, os participantes do Seminário “Se essa rua fosse minha... Vamos ouvir as crianças? ocorrido no ano de 2016, na UMAPaz (Universidade do Meio Ambiente e Cultura de Paz), elencaram princípios presentes no quadro a seguir:

**Sutileza:** olho no olho.

**Pedir licença:** nunca adentre o espaço da criança sem o .consentimento dela

**Convergência:** colocar-se numa postura simétrica com a criança, de igual para igual.

**Cocriação:** criação de convergências, abertura para a troca e a construção coletiva.

**Respeitar o tempo da criança:** preservação dos momentos da infância.

**Não julgar:** despir-se de julgamentos prévios em relação à criança.

**Trabalhar em dupla:** acreditar que os olhares se complementam.

**Acolher o espontâneo:** dar espaço para o inusitado, deixar se surpreender.

**Acolher as diferentes linguagens:** as crianças se expressam de diferentes formas, observar o não-verbal.

**Reaprender a ouvir:** escuta atenta

**Aplacar a ansiedade:** respirar antes de começar o processo de escuta.

Inverter os papéis e se conectar com nossos próprios sentimentos e emoções.

Confiar e aprender com a sabedoria das crianças.

Construir vínculo.

**Ter consciência de seu papel:** adulto não é porta-voz, adulto é ponte.

**Respeitar a diversidade cultural:** as crianças vivem em diferentes contextos, partilham de experiências diversas.

Iniciamos a nossa conversa falando sobre a nossa relação afetiva com a cidade e sobre o nosso lugar nela. E se perguntássemos para as crianças, o que elas diriam sobre a cidade? Vejam o que algumas delas nos contam:

"EU JÁ FUI LÁ NO PARQUE LAGO AZUL. É UM LUGAR QUE EU ME SINTO FELIZ, TEM NATUREZA E PARQUINHO PRA GENTE BRINCAR."  
Lara, 5 anos

"MINHA CASA É EM CURITIBA. NO QUINTAL DA MINHA CASA TEM UMA ÁRVORE DE LIMÃO E FOLHAS DE REMÉDIO QUE MINHA MÃE USA PARA FAZER CHÁ."  
Emanuelly Vitória, 4 anos

"O QUE EU MAIS GOSTO NA CIDADE É OS PARQUES PARA BRINCAR. E LÁ NO CENTRO, QUANDO VOU COM MINHA MÃE, TEM UMA PRAÇA COM UMA TORNEIRA BEM GRANDONA QUE EU GOSTO DE VER, PORQUE DÁ VONTADE DE ENTRAR NA ÁGUA".  
Kauane, 5 anos

"EU GOSTO DE IR NO MUSEU DO OLHO. ÔNIBUS PASSA NA FRENTE E ELE É BEM GRANDE, PARECE UM OLHO MESMO. FUI COM A MINHA MÃE E LÁ TEM MUITAS PESSOAS."  
Nathalia, 4 anos

"NÓS SAÍMOS AQUI DO CMEI PRA IR ATÉ A CASA DO LUCAS RENAN. A GENTE USOU O MAPA QUE ELE TROUXE. PASSAMOS POR UMA PONTE E UM PARQUINHO. TINHAM OS GUARDAS NOS PROTEGENDO. NO CAMINHO EU VI A CASA DA LARA TAMBÉM. EU ACHO MUITO LEGAL ESSE LUGAR QUE A GENTE VIVE."  
Manuela, 5 anos



Figura 6 - Mapa elaborado pelo pai do Lucas Renan - Acervo: CMEI Vila Formosa

Se desejamos uma cidade para as crianças, cabe a nós tornar a nossa instituição um lugar das crianças. Nessa perspectiva se ouvíssemos as crianças o que elas nos diriam? Qual o ponto de vista das crianças sobre a instituição? Qual o significado dos espaços para elas e quais outros espaços elas desejariam criar?

Por isso, é preciso pensar: Qual o lugar que elas têm ocupado na instituição? Como temos considerado isso ao planejar?

## TEXTO 02

### Educação Infantil: um lugar das crianças, pensado para e com crianças.

No cotidiano cheio de vida, histórias e relações a forma como o organizamos impacta com profundidade o acolhimento de novos começos, novos olhares, novas formas de viver e compreender o mundo. Nós como pesquisadores da infância precisamos ser acolhedores destas impressões únicas e autênticas que somente ocorrem pelas lentes infantis e para que estas ações que marcam a vida diária se eternizem na vida das nossas crianças é preciso que os adultos se encantem pelo cotidiano.

Nas instituições educativas, precisamos superar o engessamento das ações que marcam a vida diária. Muitas vezes, sem perceber, elas são automatizadas, afetando os direitos de desenvolvimento e aprendizagem dos bebês e das crianças.

Para construirmos sentido sobre esse cotidiano, temos que referendar a importância do planejamento, pensar em condições que favoreçam as relações e o pertencimento dos que ali convivem. Isso implica pensar em espaços de acolhimento que tenham acessibilidade estrutural e de materiais. Neste sentido, faz-se necessário refletir sobre detalhes que no dia a dia passam despercebidos, como por exemplo: como estamos disponibilizando os materiais de higiene para as crianças em nossa unidade? Qual é a participação das crianças nos momentos de alimentação? De que forma os ambientes (sala, refeitório, corredores, pátio, parque, banheiro, entre outros), favorecem o diálogo e as interações? De que forma estamos respeitando a individualidade e os ritmos das crianças em relação ao momento do descanso? Como é pensado a participação das crianças nas tomadas de decisões no que se refere às ações que permeiam o cotidiano da unidade?

Quando pensamos a instituição educativa enquanto espaço das crianças, compreendemos que toda a aprendizagem é um processo, que precisa de regularidade e de um adulto que apoie e sustente as ações do cotidiano, para que a criança construa sentido sobre as mesmas.

Um espaço centralizador e limitador impossibilita o olhar que valoriza a potencialidade da criança, não promovendo um espaço educador e de exercício da cidadania. Refletindo sobre o princípio da participação, a vida diária nas instituições de Educação Infantil tem

que considerar a voz das crianças nas tomadas de decisões, assim como dar prioridade ao acesso à informação, por exemplo: De que forma elas têm acesso ao conteúdo dos bilhetes que são enviados para as famílias e que estão relacionados a sua vida nos espaços coletivos? De que forma as crianças são envolvidas nas programações de eventos, de organização da unidade, saídas para espaços da cidade, integração entre as turmas e com as famílias, entre outras ações?

Estamos diante de uma nova lógica de pensar o planejamento, entendendo que o lugar que a criança ocupa é de centralidade, sujeito ativo deste processo, para isso se faz necessário despir-se de velhas práticas, descartando a passividade e subordinação da infância ao mundo adulto. Desta forma, a RME vem num constante diálogo sobre “planejamento”, em que na SEP 2019, já traz uma abordagem sobre a ação de planejar, considerando a criança em sua integralidade, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento e os campos de experiências, evidenciando que a própria vida da criança é o Currículo.

Pensando num Currículo que é vivido e sentido pelas crianças, comunidade educativa e outros sujeitos envolvidos nas instituições, tudo o que acontece no cotidiano é importante e deixa marcas afetivas, cognitivas, relacionais, de autonomia e de autoria.

Dessa maneira, para planejar as ações que marcam a vida diária, deve-se considerar a escuta e o olhar para o que emerge das crianças, pensando numa organização curricular que aborde as concepções de criança e de infância, bem como condições de tempo, espaços, materialidades e agrupamentos propostos no Currículo da Educação Infantil da RME. Nesse momento o docente precisa fazer escolhas, tomar decisões, tendo claro sua intencionalidade pedagógica. Assim, convidamos para uma reflexão sobre as ações que marcam a vida diária das crianças nas unidades educativas e sobre como estas ações estão sendo consideradas no planejamento.

Nos **momentos de alimentação**, ajudar na organização, no auto-servimento e na promoção do diálogo, valoram o sentimento de capacidade e acolhe a cultura desta prática social, ampliando outros saberes como: usar os talheres e guardanapos, explorar e conhecer diferentes alimentos que não fazem parte da sua rotina alimentar, desenvolver a noção espacial, bem como outras aprendizagens que são intrínsecas ao processo, portanto, são momentos que necessitam de planejamento e constantes reflexões.

A qualidade da alimentação dos bebês<sup>4</sup> e das crianças acontece na parceria com as famílias, sendo imprescindível a escuta dos hábitos alimentares e peculiaridades trazidos pelos familiares. Na unidade isso também requer uma ação coletiva, onde todos os adultos sejam responsáveis por primar por uma alimentação que garanta a saúde das crianças. No caso dos berçários, a participação da lactarista é fundamental, enquanto alimenta um bebê,

---

4 Para saber mais sobre o planejamento das ações que marcam a vida diária dos bebês, consultar o Caderno: Orientações para o trabalho com as turmas de Berçários, disponível em: <https://mid-educacao.curitiba.pr.gov.br/2019/3/pdf/00204310.pdf>.

uma das professoras estará liberada para estar envolvida em propostas planejadas com aqueles que já se alimentaram ou irão se alimentar.

Nos **momentos de higiene**, oferecer um espaço com sabonete, papel toalha e higiênico ao alcance das mãos, primar pelos cuidados essenciais como de higiene bucal com atenção para frequência e horários desta prática, faz toda a diferença de como aprendo a cuidar do meu corpo. Respeitar a privacidade, os tempos e ritmos, o toque, são atitudes fundamentais para a constituição dos sujeitos. Portanto, os momentos de troca de fraldas, banho, desfralde, higiene bucal e outros de cuidado com o corpo devem ser planejados para que favoreçam as conversas, o toque, o olhar, a atenção, desconstruindo as ações automatizadas e mecânicas, deixando o caráter de tarefa a ser cumprida, potencializando as interações entre adultos, bebês e crianças. Enalteçamos que as ações de cuidado com o corpo, em especial o desfralde, precisam ser compartilhadas com as famílias. Como estamos planejando e valorizando estes momentos?

Planejar os **momentos de descanso** requer organizar um ambiente acolhedor, confortável que respeite as singularidades dos bebês e das crianças, seus objetos de apego. Imprescindível neste processo é considerar o tempo, entendendo que cada criança adormece e desperta em seu ritmo próprio. Portanto, temos que refletir sobre a organização destes horários considerando o número de profissionais em sala e as ações que irão acontecer na sequência. As turmas que iniciam o descanso antes, poderão ser despertadas primeiro, o mesmo pode ocorrer com as turmas que iniciam mais tarde, estas podem ser despertadas depois. O despertar requer atitudes de respeito para considerar as particularidades de cada criança, tendo o cuidado para não acelerá-las. Assim como, é importante pensar em possibilidades para as crianças que não dormem, considerar as subjetividades quanto ao uso de medicamentos e questões relacionadas à saúde e estar atento em relação ao conforto no momento de descanso, sendo necessário a retirada dos acessórios de cabelo, tênis, excesso de roupas, como também a troca e higienização dos colchonetes, lençóis e cobertores, lembrando que estes devem ser guardados individualmente.

Planejar as **entradas e saídas** requer considerar as singularidades de cada criança, entendendo que para cada uma esse momento é carregado de histórias e sentido de maneira diferente, por exemplo: A criança que na chegada não quer interagir, procurando um espaço de quietude, quando o bebê procura um colo, ou ainda a criança que chega sonolenta, precisando de um tempo para descansar ou cochilar, são subjetividades das crianças que requer olhar sensível e um planejamento flexível do professor. Nesta situação o planejamento implica em proposições de espaços e tempo que acolham as escolhas das crianças, bem como considerem as famílias. Esse deve contemplar a diversidade e a quantidade de materiais que possibilitem a brincadeira, a interação, a exploração e criação. Refletimos também sobre as relações existentes nestas ações que marcam a vida diária, concebendo para as entradas e saídas atitudes afetivas e acolhedoras. Cabe refletir, quais as impressões que temos deixado nas crianças nos momentos de chegada e saída na unidade? Como temos planejado os contextos da instituição, qualificando essas ações?

As **microtransições**<sup>5</sup>, ou seja, os momentos de deslocamentos pela unidade e mudanças de uma proposta a outra, também merecem atenção, estas aproximações com os espaços são repletos de relações e cuidado. Ao transitar pelos lugares da instituição e entre as propostas, as crianças ampliam seus conhecimentos, a autoconfiança, autonomia, a comunicação, a segurança e o pertencimento a este local. As microtransições precisam ser consideradas ao planejar a duração das propostas. Por exemplo, se organizamos um momento em que as crianças irão brincar com terra no parque, é preciso pensar que a duração da proposta deve considerar não apenas o tempo que pode durar a brincadeira, mas também o tempo necessário para que as crianças organizem seus materiais e possam lavar as mãos antes de participar da próxima proposta. Nesse sentido é importante refletir: Como estamos garantindo e dando condições para esta mobilidade?

O **uso dos espaços** em diferentes momentos são fundamentais ao pensarmos em ações que marcam a vida diária. É necessário o olhar e o planejamento do professor oferecendo às crianças espaços organizados que oportunizem as interações e brincadeira, que sejam convidativos e propositores de enredos e que favoreçam a imaginação, a curiosidade, exploração, investigação e o contato com os elementos da natureza. Que possibilidades a criança têm quando se depara com espaços vazios, por exemplo, uma calçada cimentada ou uma caixa de areia sem nenhum brinquedo?

Os **espaços e o tempo** podem ser facilitadores das aprendizagens das crianças, sendo determinantes para que as experiências aconteçam. Portanto, devem ser planejados, considerando a autonomia para as escolhas das materialidades, brinquedos e brincadeiras e modos como as relações acontecem. Barbosa (2000), reafirma que a vida coletiva nas instituições educativas se estruturam no cotidiano, considerando a organização dos espaços, os materiais que estão disponíveis e a relação destes com as crianças e adultos.

O tempo é condição essencial para o planejamento. Pensar sobre ele no cotidiano da Educação Infantil é ir além do cronológico, considerando e valorizando o tempo da criança, da infância, evitando esperas e acelerações. Uma das condições indispensáveis para favorecer a experiência, que é subjetiva e intransferível, é o tempo único e sem “cota ou medida” para que cada criança seja considerada em sua inteireza e singularidade, pois quando o encontro acontece em “um mesmo espaço essas pessoas e suas experiências há necessidade de tempo para transformar um espaço em ambiente - um lugar - onde ocorra o encontro e a construção de uma vida em comum (BARBOSA, 2013, p. 214). O trançar do espaço, tempo e das relações irá promover a transformação do espaço para o ambiente.

Pensando nessa jornada que passamos com bebês e crianças, principalmente no atendimento em tempo ampliado, essas ações precisam ser valorizadas pelos docentes, compreendendo que isso também é currículo e que a criança é sujeito que sente, tem emoções, ritmos próprios e subjetividades, as quais precisam ser consideradas para a construção das

---

5 Para saber mais ler Currículo da Educação Infantil da RME - Capítulo 3.

relações neste começo de vida. Os espaços, tempos, materiais, agrupamentos e mediações são condições essenciais para a ação de planejar.

Entendendo essa importância propomos a seguinte organização:

- Dividam-se em grupos por ações elencadas no texto acima (alimentação, descanso, microtransições, entradas e saídas, higiene, espaços e tempos);
- Recorram as imagens da unidade solicitadas anteriormente para dialogar sobre elas relacionando aos estudos. Abaixo algumas questões norteadoras vão apoiar as reflexões, com o intuito de ressignificar o planejamento das ações que marcam a vida diária;
- **Após as discussões, os grupos deverão pensar em metas para serem efetivadas na unidade este ano, considerando a necessidade de qualificar as ações que marcam a vida diária;**
- É importante que todos os grupos compartilhem suas considerações.

**Questões norteadoras para reflexão com os(as) profissionais dos CMEI's e CEI's contratados.**

#### **Momentos de Entradas e Saídas**

Quais as impressões que temos deixado nas crianças nos momentos de chegada e saída na unidade? Como temos planejado estas ações na instituição, de forma a qualificá-las?

Como as famílias são acolhidas e envolvidas nas entradas e saídas dos bebês e das crianças?

Como os espaços têm sido organizados para acolher os bebês e as crianças nos momentos de entradas e saídas?

## **Momentos de alimentação**

De que forma, nos momentos de alimentação é respeitado a escolha, as preferências, os tempos e os ritmos dos bebês e das crianças? Qual o papel do professor diante desses direitos das crianças? Como a equipe de profissionais envolve as famílias nesse processo de alimentação quando os bebês e as crianças ingressam na unidade e ao longo do ano?

Como os bebês e as crianças estão sendo consideradas nos momentos de organização da alimentação? No caso dos bebês e crianças que se recusam a se alimentar na unidade ou que necessitam de dietas especiais, quais ações são realizadas na perspectiva de que elas se alimentem assegurando sua saúde e bem-estar?

Os bebês são acomodados confortavelmente e olhados nos olhos ao serem alimentados? Quais propostas são organizadas para aqueles que não estão se alimentando naquele momento?

Como acontecem os diálogos e as interações em situações sociais da cultura nos momentos das alimentações?

Pensando que as crianças têm direito ao uso de talheres, guardanapos e toalhas, bem como, o direito de ampliar sua autonomia nos momentos de alimentação (auto-servimento, escolhas), quais as intervenções necessárias dos profissionais para qualificar estes momentos?

## **Momentos de descanso**

Como é organizado o momento do descanso? Qual a participação das crianças nessa organização? Aos bebês e às crianças que desejam é possibilitado o uso de seus objetos de apego?

Estamos respeitando a individualidade e os ritmos dos bebês e das crianças em relação ao momento do sono? Como asseguramos a opção de escolha de quem não deseja dormir? Ao descansar as crianças são acalentadas? O momento de despertar ocorre com tranquilidade?

## **Momentos de higiene**

Qual é a autonomia que as crianças têm quanto ao uso e quantidade dos materiais de higiene? De que forma a organização do espaço e as intervenções dos professores contribui para que as crianças façam o uso consciente desses materiais?

De que forma respeitamos as necessidades das crianças quanto ao uso do banheiro considerando a frequência, quantidade de crianças, tempo e privacidade?

## **Microtransições**

De que forma favorecemos os deslocamentos pela unidade educativa acolhendo a diversidade e respeitando os direitos das crianças?

Como contemplamos no planejamento o tempo de transição entre uma proposta e outra, sem pressa e aceleração, respeitando o ritmo das crianças?

## **Tempos e Espaços**

Como estamos vivendo o tempo nas instituições de Educação Infantil, de modo a não fragmentar o cotidiano?

Como as crianças usam e se organizam no espaço? Como o espaço acolhe e apoia os relacionamentos das crianças?

De que forma os profissionais possibilitam condições no espaço para ampliar o potencial criativo, a relação, a exploração, a pesquisa e a investigação? De que forma os profissionais pensam este espaço de modo a torná-lo um ambiente inovador?

Como valorizamos as marcas das crianças nos espaços da unidade (paredes, murais, identificação das portas, corredores, hall de entrada)?

De que forma estamos garantindo o direito de participação das crianças nas programações de eventos, de organização da unidade, saídas para espaços da cidade, integração entre as turmas e com as famílias, entre outras ações?

**Os registros das metas devem ser postados na Sala Google até 28/02/2020.**

**Para continuidade e ampliação das reflexões ao longo do ano, indicamos a leitura do item “O Cotidiano na Educação Infantil”, no Currículo da Educação Infantil da RME.**

## **Questões norteadoras para reflexão com os(as) profissionais das escolas com Educação Infantil**

### **Momentos de Entradas e Saídas**

Quais são as ações realizadas com as crianças nos momentos de entradas e saídas? Quem as recebe? Qual espaço? Como essas ações são planejadas ao longo do ano?

Como as famílias são acolhidas e envolvidas nas entradas e saídas das crianças?

Quais ações de acolhimento são organizadas para receber as crianças e famílias, considerando que para muitas delas será a primeira experiência dos pequenos de vida coletiva institucional fora do contexto familiar?

### **Momentos de alimentação**

De que forma é planejado o momento do lanche, respeitando as escolhas, as preferências e os tempos das crianças? Qual o papel do professor diante desses direitos?

Como as crianças estão sendo consideradas nos momentos de organização da alimentação? De que forma elas participam da organização desse espaço?

No caso de crianças que se recusam a se alimentar na unidade ou que necessitam de dietas especiais, quais ações são realizadas na perspectiva de que elas se alimentem assegurando sua saúde e bem-estar?

Como acontecem os diálogos e as interações em situações sociais da cultura nos momentos das alimentações?

Nas escolas que oferecem o almoço, pensando que as crianças têm direito ao uso de talheres, guardanapos e toalhas, bem como, o direito de ampliar sua autonomia nos momentos de alimentação (auto-servimento, escolhas), quais as intervenções necessárias dos profissionais para qualificar estes momentos?

### **Momentos de descanso (escolas de tempo ampliado)**

Como é organizado o momento do descanso? Qual a participação das crianças nessa organização? As crianças que desejam é possibilitado o uso de seus objetos de apego?

Estamos respeitando a individualidade e os ritmos das crianças em relação aquelas que desejam dormir? Como asseguramos a opção de escolha de quem não deseja dormir? O momento de despertar ocorre com tranquilidade?

### **Momentos de higiene**

Qual é a autonomia que as crianças têm quanto ao uso e quantidade dos materiais de higiene? De que forma a organização do espaço e as intervenções dos professores contribui para que as crianças façam o uso consciente desses materiais?

De que forma respeitamos as necessidades das crianças quanto ao uso do banheiro considerando a frequência, quantidade de crianças, tempo e privacidade?

### **Microtransições**

De que forma favorecemos os deslocamentos pela unidade educativa acolhendo a diversidade e respeitando os direitos das crianças?

Como contemplamos no planejamento o tempo de transição entre uma proposta e outra, sem pressa e aceleração, respeitando o ritmo das crianças?

## Tempos e Espaços

Como estamos vivendo o tempo nas instituições de Educação Infantil, de modo a não fragmentar o cotidiano?

Como as crianças usam e se organizam no espaço? Como o espaço acolhe e apoia os relacionamentos das crianças? Como se configuram os arranjos das mesas, disponibilidades dos materiais e outros mobiliários na sala de referência?

De que forma os profissionais possibilitam condições no espaço para ampliar o potencial criativo, a relação, a exploração, a pesquisa e a investigação? De que forma os profissionais pensam este espaço de modo a torná-lo um ambiente inovador?

Como valorizamos as marcas das crianças nos espaços da escola (paredes, murais, identificação das portas, corredores, hall de entrada)?

De que forma estamos garantindo o direito de participação das crianças nas programações de eventos, de organização da unidade, saídas para espaços da cidade, integração entre as turmas e com as famílias, entre outras ações?

**Para continuidade e ampliação das reflexões ao longo do ano, indicamos a leitura do item “O Cotidiano na Educação Infantil”, no Currículo da Educação Infantil da RME.**

# REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. C. **Por Amor ou Por Força**. Rotinas na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2000.

\_\_\_\_\_. **Tempo e Cotidiano** – tempos para viver a infância. Teoria e Prática, Campinas, v.31, n.61, p. 213 -222, nov. 2013.

BARCELONA, Declaração de. **Carta das Cidades Educadoras** (1990). Disponível: <https://cidadeseducadoras.org.br/wp-content/uploads/2016/06/carta-cidades-educadoras-barcelona.pdf> 1990. Acesso em 29 de abril de 2019.: 29/04/2019

BRASIL. Lei Federal n.13.257 de 8 de março de 2016. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), o Decreto-Lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941 (Código de Processo Penal), a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, a Lei nº 11.770, de 9 de setembro de 2008, e a Lei nº 12.662, de 5 de junho de 2012. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2016/Lei/L13257.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13257.htm)>

CARVALHO, R. S. de; FOCHI, P. S. “O muro serve para separar os grandes”: narrativas para pensar uma pedagogia do cotidiano na educação infantil. **Textura**, Canoas, v.18, n. 36, p. 153-170, jan./abr. 2016.

CORSARO, W. A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CURITIBA. **Currículo da Educação Infantil**. Secretaria Municipal da educação. Departamento de Educação Infantil. 2019

\_\_\_\_\_. **Faróis do Saber e Inovação**. Secretaria Municipal da Educação. Coordenadoria de Tecnologias Digitais e Inovação. Curitiba, 2018.

GUIMARÃES, D. de O. **O cotidiano na Educação Infantil: Espaços e Experiências.** Salto Para o Futuro. Boletim 23, nov. 2006.

MEKARI, D. **Uma cidade educadora é aquela que escuta suas crianças.** Portal Aprendiz, 2016. Disponível em: <<https://portal.aprendiz.uol.com.br/2016/08/29/uma-cidade-educadora-e-aquela-que-escuta-suas-criancas/>>. Acesso em: outubro de 2019.

RESNICK, Mitchel. **Tudo o que eu preciso saber (sobre Pensamento Crítico) eu aprendi (através de estudos sobre como crianças aprendem) no Jardim da Infância.** Disponível em: <http://s3.amazonaws.com/porvir/wp-content/uploads/2016/11/23120124/Mitchel-Resnick-Traduc%CC%A7a%CC%83o-Tudo-o-que-eu-Preciso-Saber.pdf>. Acesso em 14out2019.

SARTI, C. A. **A Família como Ordem Simbólica.** Psicologia USP, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 11-28, 2004.



# FICHA TÉCNICA

## **Departamento de Educação Infantil**

Kelen Patrícia Collarino

## **Gerência de Currículo**

Ligiane Marcelino Weirich

## **Gerência de Gestão**

Kelly Ester Lopes

## **Gerência de Organização do Trabalho Pedagógico**

Vanessa Pacheco dos Santos

## **Gerência de CEIs Contratados**

Mariângela Brunetti

## **Elaboração**

Alessandra Giacomiti

Ana Paula Schmitcka Fernandes

Cinira Francisca Alves de Bastos

Dalva Rodrigues dos Santos

Dhaiene de Jesus dos Reis Bruno

Evelise Zirhut

Gesiane do Rocio Fontoura

Inês Chezanoski

Renan Henrique Machado

## **DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL**

João Batista dos Reis

## **GERÊNCIA DE APOIO GRÁFICO**

Ana Paula Morva

## **CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO**

Ana Cláudia Andrade de Proença





*Veredas Formativas*

